

# A formação do eu no estágio do espelho: constituição e alienação da identidade na psicanálise lacaniana

*The formation of the ego in the mirror stage: constitution and alienation of identity in Lacanian psychoanalysis*

**Priscila dos Santos**

Psicanalista clínica, Brasil.

PUBLICADO 20 JUN 2025

Os registros de tramitação editorial dos volumes 1 a 3 estão incompletos em razão de mudança na direção da revista. As datas de recebimento, revisão e aceite deste artigo não puderam ser recuperadas e, por isso, não são informadas.

## RESUMO

Este ensaio examina a formação do eu no estágio do espelho e as consequências dessa formulação para a concepção psicanalítica da identidade. O percurso reconstitui primeiro a elaboração freudiana — o eu como objeto de investimento libidinal em *Sobre o narcisismo* (1914) e como precipitado de identificações em *O eu e o id* (1923) — e mostra em que ponto ela deixa em aberto o problema da origem da unidade do eu. Examina em seguida a tese de Lacan (1949): a criança, ainda em desamparo motor, antecipa na imagem especular uma totalidade corporal que não possui, e é dessa identificação que o eu se constitui. Sustenta-se que a tese não descreve uma etapa cronológica do desenvolvimento, mas uma operação lógica cujo efeito é permanente, e que a identidade daí resultante é ficção estruturante: organiza a experiência ao preço de uma alienação constitutiva. Discutem-se três objeções — a leitura desenvolvimentista, a suposta dissolução da responsabilidade do sujeito e a conversão da tese em diagnóstico de época — e delimita-se o que a formulação autoriza afirmar na clínica e o que não autoriza.

**Palavras-chave:** estágio do espelho; formação do eu; identificação imaginária; alienação; psicanálise lacaniana.

## ABSTRACT

This essay examines the formation of the ego in the mirror stage and the consequences of this formulation for the psychoanalytic conception of identity. The argument first reconstitutes the Freudian elaboration — the ego as an object of libidinal investment in *On narcissism* (1914) and as a precipitate of identifications in *The ego and the id* (1923) — and shows at which point it leaves the origin of the ego's unity unresolved. It then examines Lacan's thesis (1949): the infant, still in motor helplessness, anticipates in the specular image a bodily totality it does not possess, and it is from this identification that the ego is constituted. It is argued that the thesis does not describe a chronological developmental stage but a logical operation whose effect is permanent, and that the resulting identity is a structuring fiction: it organises experience at the cost of a constitutive alienation. Three objections are discussed — the developmentalist reading, the supposed dissolution of the subject's responsibility, and the conversion of the thesis into a diagnosis of the age — and the essay delimits what the formulation authorises one to claim clinically and what it does not.

**Keywords:** mirror stage; ego formation; imaginary identification; alienation; Lacanian psychoanalysis.

## 1 Introdução

Poucas noções atravessam a cultura contemporânea com tanta naturalidade quanto a de identidade. Supõe-se que cada um tenha uma, que ela possa ser descoberta, expressa ou traída, e que a tarefa de uma vida consista em aproximar-se dela. A psicanálise não compartilha esse pressuposto. Desde Freud, o eu deixou de ser o lugar onde o su-

jeito se encontra para tornar-se aquilo que mais tenazmente o desconhece.

O problema, contudo, não se resolve apenas por essa recusa. Afirmar que o eu não é o centro da vida psíquica deixa intacta uma questão anterior: de onde provém a unidade que o eu apresenta? A experiência do corpo não a fornece, e a maturação neurológica, isoladamente, tampouco a explica. É a essa pergunta que Jacques Lacan responde com a tese do estádio do espelho, apresentada em 1936 no congresso de Marienbad e publicada em sua versão definitiva em 1949 nos *Escritos* (Lacan, 1998a; Roudinesco, 1994).

A resposta é contraintuitiva. A unidade do eu não é dada nem conquistada: é antecipada. A criança, numa idade em que ainda não domina os próprios movimentos, encontra na imagem refletida uma forma total que a precede, e é por identificar-se com essa forma que se constitui como eu. O que organiza a identidade vem, portanto, de fora — e vem antes.

A tese deste ensaio é que essa formulação tem um alcance preciso e um limite igualmente preciso, e que a maior parte dos equívocos em sua recepção nasce de ignorar um dos dois. O alcance: o eu é uma ficção estruturante, isto é, uma construção imaginária que efetivamente organiza a experiência, e não uma ilusão a ser desfeita. O limite: a tese é uma proposição sobre a estrutura do sujeito, não uma etapa do desenvolvimento infantil a ser confirmada por observação, nem um diagnóstico sobre o estado moral de uma época.

## 2 Método

Trata-se de revisão narrativa de literatura, de natureza teórico-conceitual. Não houve coleta de dados empíricos, observação de sujeitos, aplicação de instrumentos, entrevista ou acesso a prontuários ou a registros clínicos. O ensaio não reporta pesquisa com seres humanos, não apresenta material de atendimento e não produz, portanto, achados de campo.

O corpus primário reúne os textos em que o problema do eu recebe formulação sistemática. Em Freud: *A interpretação dos sonhos* (1900), *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), *Luto e melancolia* (1917) e *O eu e o id* (1923). Em Lacan: *A agressividade em psicanálise* (1948), *O estádio do espelho como formador da função do eu* (1949), *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953) e *A instância da letra no inconsciente* (1957), acrescidos do *Seminário, livro 1* (1953-1954), do

*Seminário, livro 2* (1954-1955), do *Seminário, livro 6* (1958-1959) e do *Seminário, livro 11* (1964).

O corpus secundário compreende obras de referência e de comentário: o *Vocabulário da psicanálise* de Laplanche e Pontalis, o *Dicionário de psicanálise* de Roudinesco e Plon, a biografia intelectual de Lacan escrita por Roudinesco, e três leituras contemporâneas — Žižek (2010), Safatle (2015) e Dunker (2015) —, mobilizadas exclusivamente na discussão do alcance cultural da tese e identificadas como tal. O critério de inclusão foi duplo: tratamento conceitual explícito da formação do eu ou da identificação, e circulação em edição de referência em língua portuguesa.

Uma observação terminológica é necessária. O termo freudiano *Ich* é vertido como *ego* na tradição derivada da edição inglesa e como *eu* nas traduções correntes de Lacan, que reserva *moi* para a instância imaginária e *je* para o sujeito que fala. Adota-se aqui *eu*, com as distinções explicitadas quando pertinentes.

O procedimento consistiu, para cada formulação, em três movimentos: reconstituição nos termos do próprio texto; identificação do problema que ela resolve e do que deixa em aberto; e exame das condições sob as quais a proposição se sustenta fora do contexto em que foi produzida.

## 3 O eu antes do espelho: a elaboração freudiana

### 3.1 O narcisismo e o eu como objeto

Em 1914, Freud introduz uma hipótese que desorganiza a oposição até então operante entre libido do eu e libido de objeto. Se o eu pode ser investido libidinalmente, ele não é apenas a instância que investe: é também aquilo que se investe. O eu passa a figurar entre os objetos possíveis da pulsão (Freud, 1996b).

A consequência é considerável e nem sempre é extraída. Para que o eu seja investido como objeto, é preciso que ele já esteja constituído como unidade — que haja algo recortado, com contorno, passível de receber carga. Freud afirma expressamente que o eu não existe desde o início e que uma nova ação psíquica é necessária para que se forme. O que essa ação seja, porém, não é dito. O texto de 1914 enuncia o problema com precisão e o deixa em aberto.

Dois desdobramentos preparam o terreno. Em *Luto e melancolia* (Freud, 1996c), a identificação torna-se um modo de constituição: o objeto perdido é incorporado e o eu

passa a trazer em si a marca daquilo que amou e perdeu — é, nessa medida, feito de alteridade sedimentada. E, já em 1900, a descrição do aparelho psíquico havia estabelecido que a consciência é apenas uma de suas qualidades, não seu princípio organizador (Freud, 1996a).

### 3.2 O eu como precipitado de identificações

Em 1923, a segunda tópica consolida a elaboração. O eu é descrito como parte diferenciada do id sob influência do mundo externo, e como precipitado de investimentos de objeto abandonados — isto é, como sedimento histórico de identificações sucessivas (Freud, 1996d). Três proposições são decisivas.

A primeira é que o eu não é soberano: ele serve a três senhores — o id, o supereu e a realidade — e a imagem de uma instância deliberativa que arbitra conflitos subestima quanto de seu próprio funcionamento lhe escapa. A segunda é que boa parte do eu é inconsciente: as defesas operam sem que o sujeito as conheça, e a resistência ao tratamento parte justamente da instância que se supunha aliada do trabalho analítico. A terceira é a mais relevante para o argumento: o eu é superfície e, mais precisamente, projeção de uma superfície — formulação em que Freud liga a gênese do eu à experiência do corpo e à sua representação.

É aqui que a elaboração freudiana alcança seu limite produtivo. Ela estabelece que o eu é derivado, histórico, corporalmente ancorado e majoritariamente inconsciente. Não estabelece de onde provém a forma unificada sob a qual ele se apresenta. A pergunta que Lacan herda é exatamente essa: qual é a nova ação psíquica mencionada em 1914?

## 4 O estágio do espelho

### 4.1 Prematuração e antecipação

A resposta lacaniana parte de um dado que a teoria psicanalítica não havia explorado em suas consequências: a prematuração específica do nascimento humano. A criança humana nasce inacabada; durante meses, não coordena os próprios movimentos, não sustenta o corpo, depende integralmente de outrem. Essa condição de desamparo motor não é acidente biológico sem repercussão psíquica — é a condição mesma de possibilidade do que ocorre diante do espelho (Lacan, 1998a).

Entre, aproximadamente, os seis e os dezoito meses, a criança reconhece a própria imagem refletida. A indicação cronológica tem valor ilustrativo e provém da observação

disponível à época, inclusive da prova do espelho descrita na psicologia do desenvolvimento francesa (Roudinesco; Plon, 1998); o essencial da tese não depende dela. O essencial é a defasagem: o que a imagem oferece é uma forma total, contornada, coordenada, e o que o corpo oferece é fragmentação e descoordenação. A criança vê o que ainda não é.

Daí o termo decisivo — antecipação. A imagem não registra um estado; adianta-o. O sujeito se reconhece naquilo que ainda não alcançou, e é esse reconhecimento antecipado que funda o eu. A unidade do eu não é, portanto, efeito da integração progressiva das experiências corporais: é a captura por uma forma exterior que impõe, de uma só vez, uma coerência que a experiência não fornecia.

### 4.2 Júbilo e ficção estruturante

Lacan sublinha a reação de júbilo que acompanha o reconhecimento. Esse afeto não é detalhe descritivo: assinala que a identificação não é passiva. A criança adere à imagem, e adere porque a imagem resolve — no registro da forma — um mal-estar que a experiência corporal não resolvia. A totalidade antecipada funciona como uma ortopedia: confere ao corpo vivido como desmembrado uma armadura de unidade.

É nesse sentido preciso que o eu pode ser dito ficção. O termo não significa falsidade a ser corrigida, e é aqui que a recepção corrente mais frequentemente se equivoca. Significa construção: algo que não é dado na natureza do organismo e que, no entanto, produz efeitos reais e permanentes. A ficção é estruturante porque, sem ela, não haveria experiência organizada de si — não há, na teoria lacaniana, um eu verdadeiro escondido atrás do eu imaginário, à espera de ser recuperado por análise.

Essa precisão tem consequência imediata sobre o que se pode esperar de um tratamento. Se o eu fosse ilusão, a análise poderia visar sua dissolução e a restituição de uma identidade autêntica. Como é ficção estruturante, a análise não o dissolve: desloca a relação do sujeito com ele.

### 4.3 Alienação e agressividade

A identificação constitutiva é, no mesmo movimento, alienante. O sujeito se constitui como eu a partir de uma imagem que está fora dele e que, por ser imagem, é sempre a de um outro — ainda que seja a sua própria. Ser si mesmo passa a depender de coincidir com uma forma exterior. Essa é a alienação em sentido lacaniano: não um

desvio corrigível, mas a estrutura da operação que produz o eu.

Dessa estrutura decorre um efeito que o texto de 1949 menciona e que o texto de 1948 sobre a agressividade desenvolve (Lacan, 1998b). Se a identidade se sustenta na imagem de um semelhante, o semelhante ocupa um lugar ambíguo: é aquilo em que me reconheço e aquilo que ameaça o lugar que ocupo. A rivalidade não é acidente das relações humanas; é consequência da forma pela qual o eu se constitui. O ciúme, a comparação, a captura pelo que o outro tem ou é — fenômenos que a descrição moral trata como falhas de caráter — recebem aqui explicação estrutural.

## 5 Do imaginário ao simbólico: o lugar do Outro

### 5.1 O assentimento do Outro

A cena do espelho não se completa no eixo entre a criança e sua imagem. Lacan descreve a criança sustentada por um adulto, e o gesto de voltar-se para ele — como quem busca confirmação do que acaba de ver. Esse detalhe não é anedótico: indica que a identificação imaginária depende de uma validação que vem de outro lugar. A imagem só se fixa como minha quando alguém a ratifica.

Esse terceiro termo é o que Lacan virá a formalizar como registro simbólico (Lacan, 1998c). A criança é nomeada, inscrita numa filiação, falada antes de falar; o lugar que ocupa está parcialmente definido por um discurso que a precede. A identificação especular, por si só, produziria apenas uma captura dual, sem saída; é a inscrição simbólica que a estabiliza e, ao mesmo tempo, a relativiza.

Decorre daí uma distinção que o argumento exige e que a literatura de divulgação com frequência dissolve. A alie-

nação imaginária — a captura pela imagem — e a alienação no campo do Outro, tal como Lacan a formula no *Seminário, livro 11* com o par alienação e separação (Lacan, 1988), não são a mesma operação. A primeira diz respeito à constituição do eu; a segunda, à constituição do sujeito na dependência do significante. Tratá-las como sinônimos produz um conceito confuso, de aparência mais rica e de menor rendimento.

### 5.2 O eu e o sujeito: *moi* e *je*

A distinção entre *moi* e *je* organiza boa parte da obra lacaniana e esclarece o que está em jogo. O *moi* é a instância imaginária constituída no espelho: aquilo que o sujeito supõe ser, o conjunto das imagens e atributos com que se identifica. O *je* é o sujeito do inconsciente, que se manifesta nas formações do inconsciente e que não coincide com a representação que o *moi* sustenta (Lacan, 1998d).

Nos seminários de 1953-1955, essa diferença é trabalhada de modo sistemático: o eu é tratado como objeto, e não como centro — uma função, e não um agente (Lacan, 1986; Lacan, 1985). A consequência técnica é direta e distingue a orientação lacaniana de outras tradições pós-freudianas: a análise não visa ao fortalecimento do eu, porque o eu é precisamente a instância de desconhecimento.

Entre o que o sujeito diz querer e aquilo que seu desejo indica abre-se, assim, uma distância irreduzível, que o *Seminário, livro 6* examina ao tratar da interpretação do desejo (Lacan, 2016) — distância que não é defeito de autoconhecimento corrigível por mais informação, mas a forma pela qual o sujeito se constitui.

| FORMULAÇÃO                 | O QUE DESCREVE                                                | REGISTRO           | O QUE NÃO AUTORIZA AFIRMAR                             |
|----------------------------|---------------------------------------------------------------|--------------------|--------------------------------------------------------|
| Freud, 1914                | O eu como objeto de investimento libidinal                    | Metapsicológico    | Não explica a origem da unidade do eu                  |
| Freud, 1923                | O eu como precipitado de identificações e superfície corporal | Tópico             | Não reduz o eu a função adaptativa consciente          |
| Lacan, 1949                | Identificação com a imagem total antecipada do corpo          | Imaginário         | Não é fase cronológica verificável por observação      |
| Lacan, 1964                | Sujeito dividido entre alienação e separação no Outro         | Simbólico          | Não equivale à alienação imaginária do eu              |
| Žižek, 2010; Safatle, 2015 | Ideais contemporâneos de autenticidade e desempenho           | Crítica da cultura | Não é diagnóstico clínico nem psicopatologia do social |

**Tabela 1** — Formulações sobre a constituição do eu, registro em que operam e limite de cada tese. A última coluna registra o que a formulação não autoriza concluir, e não uma objeção à formulação.

## 6 Objeções e alcance

### 6.1 Três objeções

A primeira objeção é desenvolvimentista. Se o estágio do espelho ocorre entre os seis e os dezoito meses, a tese seria uma hipótese sobre o desenvolvimento infantil e deveria ser julgada pelos métodos que julgam tais hipóteses. A objeção supõe o que precisa demonstrar. A faixa etária ilustra uma operação lógica, não a fundamenta: o que a tese afirma é que a constituição do eu requer identificação com uma forma exterior antecipada, e isso não se verifica nem se refuta pela cronologia do reconhecimento especular. O termo *estádio*, nesse sentido, é infeliz, e a leitura que o toma ao pé da letra converte uma proposição estrutural em afirmação empírica que ela não faz.

A segunda objeção é ética. Se o eu é alienado e o sujeito é descentrado, o que resta da responsabilidade? A objeção inverte a conclusão. Afirmar que o sujeito não coincide com a representação que faz de si não o exime: é essa não coincidência que torna possível responsabilizá-lo pelo desejo que seus atos manifestam e que ele não escolheu deliberadamente. A ética da psicanálise não se apoia na transparência do agente, mas na exigência de que o sujeito responda pelo que nele opera sem seu consentimento consciente.

A terceira objeção é a mais delicada, porque a tese se presta com facilidade a um uso que ela não sustenta. É tentador converter a formulação de 1949 em diagnóstico de época: se o eu é imaginário e alienado, e se a cultura contemporânea exalta a imagem, a autenticidade e o desempenho, concluir-se-ia que vivemos uma era narcísica, ou que a subjetividade atual estaria estruturalmente comprometida. A inferência não é válida, por duas razões. A primeira é de registro: a tese é uma proposição sobre a constituição de qualquer sujeito, não sobre a particularidade de um período histórico, e o que é estrutural não distingue épocas. A segunda é de método: conclusões sobre o laço social exigem outro tipo de evidência e não se deduzem de uma formulação clínica.

### 6.2 O alcance cultural, no registro que lhe é próprio

Isso não torna ilegítima a interrogação sobre os ideais contemporâneos de identidade — torna-a uma questão distinta, que pede outros interlocutores e outra caução. Žižek (2010) opera um trabalho de exposição e uso filosófico dos conceitos lacanianos, dirigido à análise da ideologia e da cultura; Safatle (2015) desenvolve uma teoria dos

afetos de orientação política, em que o desamparo é tomado como categoria da vida coletiva; Dunker (2015) propõe uma psicopatologia que articula formas de sofrimento a modos de vida socialmente produzidos. São três projetos distintos entre si, e nenhum deles é a transposição direta da tese de 1949.

O que a formulação lacaniana efetivamente autoriza, nesse terreno, é modesto e preciso: ela desnaturaliza a suposição de que haveria um eu autêntico a ser encontrado e expresso. Se a identidade é ficção estruturante, o imperativo de ser verdadeiramente si mesmo prescreve uma tarefa que não pode ser cumprida — não por insuficiência de esforço, mas pela estrutura do que se exige. A psicanálise pode dizer isso. Não pode, com os mesmos recursos, afirmar que determinada sociedade produz determinado tipo de sujeito, nem atribuir intenção a processos culturais, nem converter uma categoria diagnóstica em descrição de um estado coletivo.

### 6.3 Consequências clínicas

No tratamento, a tese tem efeito sobre a direção da escuta. Se o eu é a instância que desconhece, o que o paciente afirma sobre si não é o material privilegiado; é um material entre outros, e com frequência o mais defendido. A escuta se dirige ao que escapa — ao lapso, ao sonho, ao ato falho, ao sintoma —, não porque o relato consciente seja falso, mas porque sua coerência é precisamente o que está em questão.

Disso decorre que a reconstrução da história do sujeito em análise não é apuração de um passado factual. O que se trabalha é a versão que o sujeito sustenta e os significantes que a organizam; a mudança não consiste em obter uma narrativa mais exata, mas em modificar a posição a partir da qual o sujeito a enuncia (Laplanche; Pontalis, 2001).

Segue-se ainda uma orientação sobre o que a análise não promete. Se não há eu verdadeiro sob o eu imaginário, o tratamento não restitui uma identidade perdida nem produz coincidência do sujeito consigo. O que se pode esperar é mais sóbrio e mais consequente: alguma mobilidade na relação com a imagem que sustenta o eu, e com isso alguma redução do que nela se repete como sofrimento.

### Considerações finais

O percurso permite três conclusões de alcance distinto.

A primeira é que a tese de 1949 responde a um problema efetivamente deixado em aberto pela elaboração freudiana

na. Freud estabeleceu que o eu é derivado, histórico e corporalmente ancorado, e indicou, em 1914, que uma nova ação psíquica seria necessária para sua formação. A identificação com a imagem especular antecipada é uma resposta a essa indicação — o que situa a contribuição lacaniana como desenvolvimento interno à psicanálise, e não como ruptura com ela.

A segunda é que a identidade, assim concebida, é ficção estruturante. A expressão deve ser lida nos dois termos. É ficção porque não é dada no organismo e porque o sujeito nunca coincide com ela. É estruturante porque organiza efetivamente a experiência e porque não há, atrás dela, um eu mais verdadeiro. A alienação não é um estado do qual se saia; é a forma pela qual o eu existe.

A terceira é que o alcance da tese é inseparável de seu limite. Ela é uma proposição sobre a estrutura do sujeito, formulada no interior da clínica, e perde precisão quando convertida em hipótese desenvolvimentista, em tese sobre a responsabilidade moral ou em diagnóstico de época. A delimitação não enfraquece a formulação: é o que a mantém utilizável.

Permanece aberta uma agenda. A articulação entre a identificação imaginária e os ideais contemporâneos de autenticidade é conceitualmente plausível e, até onde a literatura consultada permite afirmar, não foi submetida a investigação sistemática que a sustente como mais do que hipótese. Fazê-lo exigiria desenho próprio, com enquadre ético explícito, e não se deduz do argumento aqui desenvolvido. Enquanto esse trabalho não se realiza, convém enunciar as proposições pelo que são: leituras conceitualmente fundamentadas, não resultados.

## Declarações

**Conflito de interesses.** A autora declara não haver conflito de interesses.

**Financiamento.** A pesquisa não recebeu financiamento específico de agências públicas, comerciais ou sem fins lucrativos.

**Uso de inteligência artificial.** Não foi utilizada inteligência artificial generativa na concepção, na redação ou na análise do conteúdo deste artigo.

**Disponibilidade de dados.** Não se aplica: trata-se de revisão de literatura, sem produção de dados primários.

**Nota editorial.** Este artigo integra o acervo reorganizado dos volumes 1 a 3 da Interapia. O texto foi editorialmente adequado às nor-

mas vigentes da revista quanto a estrutura, registro e normalização de referências, sem alteração de tese, argumento ou atribuição de autoria.

## Referências

- DUNKER, C. I. L. *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos (1900). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 4-5. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 77-108.
- FREUD, S. Luto e melancolia (1917). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. p. 243-263.
- FREUD, S. O ego e o id (1923). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. p. 13-80.
- LACAN, J. *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, J. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- LACAN, J. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a. p. 96-103.
- LACAN, J. A agressividade em psicanálise (1948). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b. p. 104-126.
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998c. p. 238-324.
- LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998d. p. 496-533.
- LACAN, J. *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação (1958-1959)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ROUDINESCO, E. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SAFATLE, V. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- ŽIŽEK, S. *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

## COMO CITAR

SANTOS, P. A formação do eu no estágio do espelho: constituição e alienação da identidade na psicanálise lacaniana. *Interapia — Revista de Clínica, Cultura e Ciências Mentais*, v. 3, n. 1, p. 50-56, 2025.

## LICENÇA

Publicado em acesso aberto sob licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional. O autor mantém os direitos sobre a obra e concede à revista o direito de primeira publicação.